AS OFICINAS DE LETRAMENTO NA PROMOÇÃO DO EMPODERAMENTO FEMININO: UMA EXPERIÊNCIA NO PROFLETRAS

III Encontro Nacional de Letras no Litoral Norte da Paraíba - ELLIN-PB, 3ª edição, de 08/05/2024 a 10/05/2024
ISBN dos Anais: 978-65-5465-093-9

PIMENTEL; Luciana Silva [1], FARIAS; Luana Francisleyde Pessoa de [2]

RESUMO

AS OFICINAS DE LETRAMENTO NA PROMOÇÃO DO EMPODERAMENTO FEMININO: UMA EXPERIÊNCIA NO PROFLETRAS

Luciana Silva Pimentel

(UFPB- E-mail- professoralusilva.pimentel@gmail.com)

Luana Francisleyde Pessoa de Farias

(UFPB-E-mail: luana.francisleyde@gmail.com

PRIMEIRAS PALAVRAS

A cada ano letivo que se inicia, nós, professores e professoras de língua portuguesa, nos deparamos com novos desafios e possibilidades em nossas salas de aula. Demandas diversas fazem parte do nosso cotidiano, e procuramos atender às necessidades que estão diretamente ligadas ao desenvolvimento de nossos/as estudantes. Nosso objetivo é realizar um trabalho que faça sentido no aperfeiçoamento das práticas de linguagem, ou seja, buscamos promover um trabalho situado, uma vez que nos posicionamos como agentes de letramentos.

Queremos pontuar o ano letivo de 2022 como extremamente desafiador, pois foi o momento de retorno às aulas presenciais após os dois anos de isolamento social e ensino remoto emergencial, decorrentes da pandemia causada pelo Coronavírus.

Neste retorno, nos deparamos com estudantes que não dominavam o código linguístico nos anos finais do Ensino Fundamental e que não demonstravam interesse na aprendizagem de saberes escolarizados. Diante deste cenário, nos inquietamos e buscamos alternativas para aplicar um trabalho com foco no desenvolvimento das práticas de linguagem, partindo de uma realidade que fosse de interesse dos/as alunos/as, pois percebemos que a escolha dos conteúdos e a forma de condução precisavam fazer sentido real e prático para a vida deles/as naquele momento.

Assim, sondamos a realidade em que esses/as estudantes estavam inseridos/as, quais problemáticas emergiam naquela comunidade que afetavam diretamente a vida desses/as alunos/as e que lhes causassem interesse. Dessa forma, poderíamos realizar um trabalho visando a transformação local, aliado ao aperfeiçoamento das práticas de linguagem.

Após uma meticulosa observação, elencamos como tema central o empoderamento feminino para desenvolver um projeto de letramento em uma turma de 9º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública da zona rural de um município localizado no Litoral Norte da Paraíba, pois verificamos que era uma comunidade marcada pela opressão, desrespeito e violência contra as mulheres.

Este trabalho apresenta, portanto, uma experiência de intervenção por meio de oficinas de letramento desenvolvidas como parte de um projeto pautado na promoção do empoderamento feminino. Esse projeto integrou-se ao contexto do Programa de Mestrado Profissional em Letras –

[1] UFPB, professoralusilva.pimentel@gmail.com
[2] UFPB, luana.francisleyde@gmail.com

Profletras e tem por objetivo analisar o potencial das oficinas de letramento na implementação do projeto.

Trata-se, portanto, de uma pesquisa de natureza aplicada, qualitativa e tipificada como pesquisa-ação, tendo em vista que sua realização ocorreu em uma turma de 9º ano do Ensino Fundamental, composta por com 21 estudantes (10 do sexo masculino e 11 do sexo feminino), com idades entre 14 e 18 anos. Durante a condução da pesquisa, também fazíamos parte dela, já que ministrávamos a disciplina de língua portuguesa na turma.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Os Estudos do Letramento

Os Estudos do Letramento surgem no final do século XX, na virada pragmática, que passa a incorporar aos estudos linguísticos o sujeito, o discurso, os valores, as ideologias, fugindo do modelo estruturalista de análise dos fenômenos linguísticos.

Destacamos que o termo letramento nasce na Antropologia, com contribuições de pesquisadores como o britânico Brian Street, que através de estudos etnográficos destacou o impacto da escrita em grupos sociais e apresentou o conceito de letramento como prática social.

Street (2014) faz uma crítica ao modelo "autônomo" de letramento, com a inicial maiúscula, que seria o letramento individual, visto como habilidade cognitiva que pode, inclusive, ser medida em escalas, como ocorre na escola. Nesse modelo não se valoriza o social, pois desconsidera-se a cultura e a história que atravessam as práticas sociais. Não há, portanto, abertura para a concepção do letramento em seu aspecto social, que se realiza na interação interpessoal.

Em contraponto ao viés autônomo, Street apresenta o viés ideológico, inerente às práticas sociais, pois considera que a língua é atravessada pelos aspectos históricos, culturais e sociais. Importante compreendermos que o letramento ideológico se refere às práticas sociais plurais que fazem uso social da escrita e/ou leitura, que consideram o discurso de forma situada, e são interligadas às estruturas de poder nas sociedades.

Gostaríamos de destacar que não compreendemos o modelo autônomo como negativo, ruim, mas, sim, insuficiente para as demandas sociais que surgem a cada dia no mundo, além de reforçar a ideia do ensino do letramento em formato de técnica universal. Por outro lado, o modelo de letramento ideológico possibilita adequação às demandas contemporâneas, atentando às individualidades, promovendo um trabalho situado às necessidades reais de sujeitos reais e agindo em situações reais de comunicação, em diferentes esferas de atividades humanas.

As contribuições de Street resultaram em uma gama de pesquisas que passaram a incorporar o modelo ideológico de letramento em seus trabalhos. No Brasil, por exemplo, a partir dos Estudos do Letramento, observou-se o desenvolvimento de novas posturas quanto ao ensino de escrita, mas especificamente às práticas de alfabetização.

Destacamos as pesquisadoras Kleiman (1995), Soares (1998) e Rojo (2003; 2004) como pioneiras nos trabalhos sobre o letramento no Brasil, embora tenham desenvolvido estudos que dialogam e diferenciam-se por alguns vieses selecionados nas pesquisas acerca do letramento, todas concebem letramento enquanto prática social, sob fundamento da mesma base teórica.

Apresentamos o trabalho de Kleiman, que enfoca a valoração da escrita nas práticas sociais e na formação do sujeito, definindo a escola como a maior agência de letramento. Kleiman (1995) conceitua letramento como "um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos" (p. 19). Com essa definição, entendemos que é nas práticas sociais que o letramento é desenvolvido e que a escrita passa a ser um meio para alcançar objetivos que determinados contextos pedem.

[1] UFPB, professoralusilva.pimentel@gmail.com
[2] UFPB, luana.francisleyde@gmail.com

Projetos de letramento

Os projetos de letramento vão além do ensino das práticas de linguagem, eles surgem de acordo com uma demanda real e local, de forma situada, e tem como foco os letramentos que emergem em uma comunidade de acordo com as práticas sociais que lhes são inerentes.

Segundo Kleiman (2000, p. 238) projeto de letramento é: "[...] conjunto de atividades que se origina de um interesse real na vida dos alunos e cuja realização envolve o uso da escrita, isto é, a leitura de textos que, de fato, circulam na sociedade e a produção de textos que serão lidos, em um trabalho coletivo de aluno e professor".

Conforme posto pela pesquisadora, o projeto de letramento é uma prática social que explora o uso social da escrita, um estudo colaborativo em que professor/a e alunos/as ressignificam as práticas de linguagem, e a aprendizagem ocorre a partir das demandas que surgem no processo.

Sobre o trabalho do/a professor/a com as práticas de linguagem nos projetos de letramento:

Assim, de forma significativa, as práticas de leitura, produção textual e oralidade são desenvolvidas com os/as estudantes concomitantemente à aplicação do projeto e não se configuram como o objetivo principal do projeto de letramento. (Pimentel; Farias, 2024, p. 1.411.)

Dessa forma, percebemos que o objetivo primeiro nos projetos de letramento é a solução para uma problemática social e local, que para solucioná-la se faz necessário o uso social da escrita, sem dissociar as práticas de leitura, escrita e oralidade. Com isso, de forma significativa, o/a professor/a conduz o trabalho de desenvolvimento das práticas de linguagem.

Sobre esse processo de aprendizagem, destacam Oliveira; Tinoco; Santos (2011, p.46): "[...] em um projeto de letramento, são as práticas sociais que desencadeiam ações de leitura e de escrita. Essas ações viabilizam a análise de um problema social para o qual se busca a compreensão e as alternativas de solução".

De acordo com o exposto, projetos de letramento efetivam-se com o propósito de utilizar a escrita a partir da aprendizagem situada e significativa, com o fim de atuar em práticas sociais nas comunidades dos/as aprendizes, considerando aspectos sócio-histórico e cultural dos/as envolvidos/as, a partir de demandas locais.

OFICINAS DE LETRAMENTO

No nosso trabalho, as oficinas de letramento se configuraram como práticas interventivas, em que planejamos e mediamos o desenvolvimento das ações que considerávamos necessárias ao alcance de nosso objetivo principal, que era desenvolver um projeto de letramento que contribuísse à educação emancipatória das mulheres e conscientização dos alunos homens sobre a emergência do empoderamento feminino, por meio do desenvolvimento das práticas de linguagem.

Escolhemos as oficinas como instrumento em destaque para a geração dos dados, por sua característica de permitir a interseção entre teoria e prática, em que os saberes são construídos em um movimento de ação-reflexão-ação, como descrito por Valle e Arriada, (2012, p.6): "Em outras palavras, numa oficina ocorrem apropriação, construção e produção de conhecimentos teóricos e práticos, de forma ativa e reflexiva".

Foi nessa perspectiva de propiciar vivências concretas e significativas em um tripé sentir-pensar-

[1] UFPB, professoralusilva.pimentel@gmail.com
[2] UFPB, luana.francisleyde@gmail.com

agir que consideramos as oficinas excelentes métodos de aprendizagem e instrumentos capazes de produzir dados, já que permitem ao mesmo tempo produzir e utilizá-los como forma de intervenção no processo, em busca de alcançar os objetivos traçados.

Como nossa investigação focou na implementação de um projeto de letramento, acrescentamos o conceito de oficinas de letramento apresentado por Marques e Kleiman (2019), que dialoga com o conceito apresentado por Valle e Arriada (2012), pois apresenta características comuns, além de ampliar a organização das ações pautada nas práticas de linguagem. Vejamos:

Pedagogicamente, compreendemos oficina de letramento como um dispositivo didático em que se tem por objetivo desenvolver atividades práticas que envolvem usos da escrita. Diz respeito ao modo de organização das ações de linguagem mediadas por gêneros discursivos, materializados em textos orais e escritos, que dão suporte a práticas de leitura, escrita e fala. Na planificação desse tipo de oficina ou de qualquer unidade didática, a determinação do objetivo é central. A primeira questão de ordem didática é ter clareza sobre os motivos da seleção do gênero, para depois refletir sobre como abordar esse gênero na sala de aula (Marques; Kleiman, 2019, p. 25).

Percebemos que o conceito apresentado sobre oficina remete a um instrumento didático, com fins pedagógicos, em que a aprendizagem se dá na vivência de situações concretas. Marques e Kleiman (2019) incorporam os Estudos do Letramento à oficina e nomeiam como oficina de letramento, apontando caminhos para o trabalho do/a professor/a através dos gêneros discursivos, a fim de desenvolver atividades práticas com os/as estudantes e com o objetivo de torná-los/as cidadãos/ãs críticos/as e participantes nas práticas socialmente situadas, bem como proficientes no uso de gêneros discursivos que determinadas esferas da comunicação exigem.

Tendo em vista nosso propósito, utilizamos o conceito de oficina de letramento, apresentado por Marques e Kleiman (2019), uma vez que desenvolvemos as oficinas a partir dos gêneros discursivos, fazendo uso das práticas de linguagem para alcançarmos objetivos projetados. Alinhamo-nos à compreensão das autoras sobre a importância da clareza no objetivo da oficina para direcionar as ações, inclusive a seleção do gênero discursivo a ser trabalhado, pois é a partir dessa escolha que planejamos o desenvolvimento das atividades.

Em uma oficina de letramento, é importante traçar ações sempre articuladas ao objetivo do trabalho e à realidade dos/as envolvidos/as, buscando atividades pedagógicas significativas e motivadoras para os/as discentes, fazendo uso de artefatos inovadores, situações novas ao contexto escolar, dinamismo na condução das atividades propostas. Dessa forma, é possível tornar as oficinas momentos de aprendizagem mútua em que os agentes envolvidos interagem em busca de saberes.

Oficinas de letramento para o empoderamento feminino em ação

Para a implementação do nosso projeto de letramento, desenvolvemos cinco oficinas de letramento. Cada oficina cumpria um objetivo específico, com temas e gêneros discursivos selecionados. As práticas de linguagem - leitura, escrita e oralidade - eram desenvolvidas de forma integrada.

Para demonstrar o nosso trabalho com as oficinas de letramento, selecionamos a quinta oficina, intitulada "O gênero canção a favor da (des) igualdade entre os sexos", como exemplo a ser compartilhado. Nesta oficina de letramento, que foi a última do projeto, utilizamos 4 horas/aulas e escolhemos o gênero canção para protagonizar esse momento por ser um gênero discursivo muito apreciado pela turma. Em experiências anteriores, percebemos um grande engajamento e interesse dos alunos e alunas em todas as aulas que trazíamos canções como objeto de conhecimento.

Tínhamos o interesse de evidenciar o gênero canção como um importante meio de propagar

[1] UFPB, professoralusilva.pimentel@gmail.com
[2] UFPB, luana.francisleyde@gmail.com

ideologias. Apresentamos um clássico da música sertaneja, "Cabocla Tereza", de autoria de Tonico & Tinoco, lançada em 1994, que romantiza o feminicídio. Mostramos o vídeo disponível no YouTube, em que o cantor Eduardo Costa interpreta a canção, e iniciamos um diálogo com os alunos e alunas sobre a música e os sentimentos gerados ao assistirem e ouvirem.

Na sequência, entregamos a cada participante a letra da canção, disposta no anexo deste trabalho, em uma folha. Fizemos a exposição apenas do áudio da música para que pudessem acompanhar com a letra em mãos.

Em seguida, realizamos uma roda de conversa sobre as impressões pessoais e a percepção do discurso machista e violento. As impressões expostas pelos/as participantes demonstraram reflexões sobre a forma que era criado um cenário de crime como arte, e quanto ao conteúdo da canção, o feminicídio, foi totalmente repudiado. Sobre o questionamento da aceitação desse discurso na canção, um aluno respondeu: “Acho que é porque era em tempos antigos, hoje não aceita mais”. Refletimos e discutimos sobre os avanços que temos conquistado no tocante à luta dos direitos das mulheres, retomando, assim, à memória discursiva construída no decorrer das oficinas.

Com o objetivo de seguirmos o trabalho com o gênero canção, expusemos “Ai! Que saudade da Amélia”, composta em 1942 por Mário Lago e revisada por Ataulfo Alves, chamando atenção ao ideal de mulher da época. Em seguida, fizemos a exposição do webclipe da cantora e compositora Pitty, em que a artista apresenta a canção de sua autoria “Desconstruindo Amélia”, lançada em 2009, que destaca os desafios e empoderamento da mulher na atualidade. Após a exposição da música e do webclipe, entregamos as letras das canções para os/as alunos/as.

A intenção era que observassem a intertextualidade existente entre ambas as obras e a mudança na concepção do sujeito mulher. Registramos por meio de gravação de áudio os momentos de análise discursiva acerca do conteúdo temático e ideais presentes.

Nenhum/nenhuma participante conhecia o termo “Amélia” como sinônimo de mulher submissa e subserviente, e nem conheciam a canção “Ai! Que saudade da Amélia.” Duas alunas e um aluno afirmaram já ter ouvido a canção “Desconstruindo Amélia”, mas não sabiam o porquê do título, fato já esperado, tendo em vista a faixa etária dos/as estudantes e a cultura musical em que estão inseridos/as.

Posteriormente, vivenciamos um momento que oportunizou a fala e a escuta sobre pontos de sujeição e empoderamento observados nas canções, bem como uma análise discursiva, considerando as condições de produção e veiculação de cada uma. Ao questionarmos sobre os pontos que gostariam de destacar, uma aluna reportou a canção da Pitty que demonstra a luta que a mulher enfrenta para desconstruir a Amélia, desde o ganhar menos que o homem, cuidar dos filhos, trabalhar fora, estudar e se divertir. Várias falas ratificaram as questões postas pela aluna.

O ideal de mulher foi posto à reflexão, embora sem exigência de respostas, mas com o intuito de pensar acerca do molde de mulher que admiram e que querem ao seu lado e sobre como educarão suas filhas, caso sejam pais de mulheres.

Ainda sobre intertextualidade, algumas perguntas surgiram, como “O que é Balzac?”. Foi bem interessante esse questionamento, pois desencadeou novos olhares e sentidos à canção de Pitty. Discorremos um pouco sobre quem foi o escritor francês Honoré de Balzac, a sua produção intelectual, e sobretudo acerca da obra “A Mulher de Trinta Anos”. Trouxemos também o diálogo com a concepção machista da mulher não “ser”, de a mulher se fazer em relação ao homem, ou seja, “o outro” posto por Simone De Beauvoir. Conforme observamos no trecho: “Já não quer ser o outro, hoje ela é o também.”

No tocante à prática de escrita, houve a produção do gênero discursivo paródia a partir da canção “Ai! Que saudade da Amélia!”, em que o objetivo era desconstruir a imagem de submissão da Amélia na canção, e a proposta foi acatada por toda a turma. O gênero já era conhecido pelos/as estudantes, fato que facilitou a escrita, e as produções foram realizadas em equipes e apresentadas/interpretadas na sala com os/as demais alunos/as. Partilhamos algumas produções autorizadas pelos/as alunos/as autores/as:

[1] UFPB, professoralusilva.pimentel@gmail.com
[2] UFPB, luana.francisleyde@gmail.com

Amélia empoderada

Amélia, a mulher empoderada,

Não é submissa, nem desvalorizada.

Ela luta pelos seus direitos,

Com garra e coragem, enfrenta os preconceitos.

Amélia, não é só dona de casa,

Ela é profissional, trabalha e arrasa.

Mostra que não há limites para sua competência.

Amélia, não depende de um homem,

Ela é livre, dona do seu próprio nome.

Sabe que o amor não é posse,

Valoriza-se e nunca se esquece.

Amélia, empoderada e confiante,

Inspira outras mulheres a serem brilhantes.

Ela busca igualdade e respeito,

E mostra que o machismo está desatualizado sem nexo.

Amélia, exemplo de superação,

Quebra padrões e dá lições.

Seja no trabalho ou na vida pessoal,

Ela mostra que ser mulher é sensacional.

Jussara, Rayssa

Amélia já não é a mesma!

Eu sou Amélia, mas com uma pitada de rebeldia,

Não sou mais aquela que aceita qualquer covardia.

Larguei a submissão, agora sou dona do meu destino,

Não preciso mais de um homem pra ser meu abrigo.

Amélia era aquela que vivia pelos outros, mas decidi que é hora de ser dona do meus sonhos,

Não vou mais me anular em nome de falso amor, quero ser livre, viver intensamente, sem senhor.

Amélia não era livre pra fazer suas escolhas, mas eu sou independente, tenho voz e vou gritar,

[1] UFPB, professoralusilva.pimentel@gmail.com
[2] UFPB, luana.francisleyde@gmail.com

Não à injustiça, não à desigualdade, não à violência!

Meu grito é por respeito, direitos e liberdade!

Nos deixem viver! Não me peça paciência! Já chega de tanta violência!

O amor não maltrata, não me ofereça migalhas,

Só aceito o que me faz bem

Amor? Só se for verdadeiro

Mereço ser feliz por inteiro!

Então, adeus Amélia do passado.

A nova versão está aqui, sem medo de ser amada,

Autêntica, corajosa e empoderada,

Não vou mais me esconder, vou viver minha jornada.

Nicole, Lidiane, Lauremylia

Nas oficinas de letramento, incorporamos a concepção da prática de produção textual como essencial à linguagem e participação cidadã, oferecendo oportunidades para que os/as estudantes escrevessem não apenas como um exercício escolar, mas como uma forma de expressar suas opiniões e experiências. Dessa forma, o trabalho com a escrita situada permitiu que eles/as relacionassem teoria e prática, aplicando conceitos de empoderamento feminino a situações específicas vivenciadas.

Conduzimos as atividades de produção textual de forma processual, conforme os postulados das autoras Passarelli (2012); Antunes (2021); e Koch; Elias (2022), ponderando as etapas de escrita e reescrita, em uma avaliação dialógica e participativa. Discussões em sala de aula, trocas de experiências e revisões conjuntas de textos permitiram que o processo de escrita se tornasse uma atividade social e colaborativa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao alinharmos a prática de investigação em campo às teorias e aos conceitos, encontramos nas oficinas de letramento condições de conceber a realidade observada em um movimento de ação-reflexão-ação, de forma coerente ao modelo de pesquisa realizada. Reiteramos, portanto, que as oficinas de letramento foram utilizadas em nosso trabalho enquanto instrumento pedagógico e gerador de dados.

Pelo caráter volátil dos projetos de letramento, muitas ações das oficinas foram planejadas a partir de demandas que emergiam ao longo do desenvolvimento do projeto. Dessa forma, a avaliação da oficina anterior guiava as tomadas de decisões para as próximas oficinas.

Podemos afirmar que nosso objetivo de trabalhar temáticas referentes à educação emancipatória feminina a partir de práticas de letramento vivenciadas pelos/as estudantes, foi plenamente atendido durante a execução das oficinas de letramento, pois procuramos alinhar o trabalho com as práticas de linguagem e as temáticas que considerávamos urgentes ao empoderamento feminino.

Desse modo, selecionamos os gêneros discursivos a serem trabalhados nas oficinas não só pela sua função social e estrutura composicional, mas também, pelo seu conteúdo temático. E assim, a

[1] UFPB, professoralusilva.pimentel@gmail.com
[2] UFPB, luana.francisleyde@gmail.com

integração dessas temáticas voltadas à emancipação feminina nas oficinas de letramento, propiciou a reflexão e a conscientização sobre questões de gênero, além de proporcionar um ambiente voltado à autonomia e à colaboração dos/as estudantes.

Concluímos que as oficinas de letramento se configuraram como práticas interventivas efetivas na implementação do projeto de letramento, revelando-se eficazes na promoção do letramento crítico e reflexivo. Nesse processo, constatou-se ainda o fortalecimento do empoderamento feminino por meio do desenvolvimento das práticas de linguagem de estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Aula de português encontro e interação**. São Paulo: Parábola, 2021.

KLEIMAN, Angela B. **Os significados do letramento**: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas: Mercado das Letras, 1995.

KLEIMAN, Ângela B. O processo de aculturação pela escrita: ensino da forma ou aprendizagem da função? In: KLEIMAN, Ângela B.; SIGNORINI, I. (Org.). **O ensino e a formação do professor**: alfabetização de jovens e adultos. Porto Alegre: Artmed, 2000.

KOCH, Ingedore V.& ELIAS, Vanda Maria. **Ler e escrever**: estratégias de produção textual. São Paulo: Contexto, 2022.

MARQUES, Ivoneide B.A. S.; KLEIMAN, Angela B. **Projetos, oficinas e práticas de letramento:** leitura e ação social. Revista ComSertões- Juazeiro-BA, v. 7, n I, julho- dezembro de 2019.

OLIVEIRA, Maria do Socorro. TINOCO, Glícia Azevedo. SANTOS, Ivoneide Bezerra de Araújo. **Projetos de letramento em formação de professores de língua materna.** Edufrn. Natal. RN, 2011.

PASSARELLI, Lílian G. Ensino de produção textual: da higienização da escrita para a escrita processual. In: Organizadoras: CINTRA, Anna Maria Marques; PASSARELLI, Lílian G. **A pesquisa e o ensino em língua portuguesa sob diferentes olhares**. São Paulo: Blucher, 2012.

PIMENTEL, Luciana Silva. **Projeto de letramento a favor do empoderamento feminino**: uma proposta para o ensino de língua portuguesa. Dissertação (Mestrado em Letras) UFPB/CCAE. Mamanguape, p.202. 2024.

PIMENTEL, Luciana Silva. FARIAS, Luana Francisleyde Pessoa. **Projeto de letramento: o que é, e como se faz?**. CONEDU - Formação de Professores (Vol. 02). Campina Grande: Realize Editora, 2024. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/106167>. Acesso em: 30/06/2024 14:19

ROJO, Roxane; BATISTA, Antônio Augusto. **Livro didático de língua portuguesa, letramento e cultura da escrita**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2003.

ROJO, Roxane. **Letramento e capacidades de leitura para a cidadania**. São Paulo: SEE: CENP, 2004.Texto apresentado em Congresso realizado em maio de 2004.

SOARES, Magda. **Letramento:** um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

SOARES, Magda. **Língua escrita, sociedade e cultura** :relações, dimensões e perspectivas. Revista Brasileira de Educação. Set/Out/Nov/Dez 1995.

STREET, Brian**. Letramentos sociais**: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação. Tradução Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

VALLE, Hardala S. & ARRIADA, Eduardo. **“Educar para transformar”:** a prática das oficinas. Revista Didática Sistêmica, v. 14, n. 1, (2012).

[1] UFPB, professoralusilva.pimentel@gmail.com
[2] UFPB, luana.francisleyde@gmail.com

PALAVRAS-CHAVE: Projetos de letramento, Oficinas de letramento, Práticas de linguagem, Língua Portuguesa

[1] UFPB, professoralusilva.pimentel@gmail.com
[2] UFPB, luana.francisleyde@gmail.com